



EMPRESA CIDADÃ

Paulo Márcio de Mello
paulomm@paulomm.pro.br

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Desigualdade ou injustiça?

– Que o Brasil é um país que tem renda e riqueza fortemente concentradas nas mãos de pouquíssimos, todo mundo sabe. Que o Brasil tem uma longa História de escravismo também é sabido. Mas qual o desenho que esta formação assumiu no presente?

– O estudo “A escalada da desigualdade”, apresentado há um ano pelo Centro de Políticas Sociais da FGV, mostra que o 1% mais rico da população teve quase 10% do seu poder de compra incrementado, desde o final de 2014. Conforme o estudo, a concentração foi acentuada desde então. São 17 semestres aferidos e em todos eles o fosso entre ricos e pobres só aumentou. Enquanto a renda da metade mais pobre da população caiu 18%, a renda do 1% mais rico teve cerca de 10% de acréscimo de poder de compra.

– O estudo levou em conta os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua), apurados pelo IBGE nas residências brasileiras, e o índice Gini, como medida da desigualdade. Este índice, quanto mais próximo de um, mais desigual é o país considerado. A série, apurada no Brasil desde 2012, teve no 4º trimestre de 2014 a sua medida mais favorável (0,6003), mas no segundo trimestre de 2019 retrocedeu (0,6291).

Quem é o pobre

Os mais pobres caracterizam-se predominantemente por viverem nas Regiões Norte e Nordeste, por serem jovens (20 a 24 anos), negros e analfabetos.

Onde o boi está na sombra

Sem nenhuma intenção de esgotar os motivos do fenômeno da desigualdade, expressão econômica de processos políticos deliberados, já há alguma dissimulação na denominação. Por que desigualdade e não injustiça, iniquidade ou discriminação?

Tomando-se como exemplos os bancos Bradesco, Itaú e Santander, os três maiores bancos privados no país, verificou-se, no caso do primeiro, um lucro líquido de R\$ 15,7 bilhões, em 2017, e de R\$ 19,1 no ano seguinte. O Itaú, por sua vez, encerrou 2018, com um lucro líquido de R\$ 25 bilhões e de R\$ 24 bilhões, em 2017. E o Santander encerrou 2017 com o lucro líquido de R\$ 9,9 bilhões e 2018 com o lucro líquido de R\$ 12,4 bilhões.

Só com o faturamento de tarifas cobradas por serviços bancários, os bancos brasileiros apuraram R\$ 126,4 bilhões, em 2017, mais do que os orçamentos federais da saúde (R\$ 114,8 bilhões), ou da educação (R\$ 109 bilhões). E os bancos ainda podem ganhar a Previdência, agora por capitalização...